

Brizola não empolga empresários mineiros

BELO HORIZONTE — Durante mais de três horas, o candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, falou a cerca de 150 lideranças do empresariado, de conselhos profissionais e economistas desta capital especialmente convidados pelo Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), num debate que entrou pela madrugada de ontem. Mais da metade da plateia permaneceu até o final ouvindo atenta a exposição de Brizola, mas ele não conseguiu empolgar o empresariado, apesar de ter arrancado alguns aplausos.

“Muito fraco”, definiu o presidente da Federação das Indústrias de Minas, Jose Alencar Gomes da Silva, ao deixar, apressado, o auditório do BDMG, assim que Brizola terminou sua explanação de 75 minutos, a qual se seguiram colocações de debatedores e perguntas da seleta plateia. Para Alencar, o candidato do PDT “não disse nada diferente do que esperava, repetiu colocações já conhecidas”. O que não quer dizer que Brizola tenha assustado o empresariado com posições radicais, pelas quais se tornou conhecido.

Fama — “Ele tinha fama de comunista, mas não acredito que seja. Um estancieiro não pode ser comunista”, ponderou o vice-presidente da União dos Varejistas de Belo Horizonte, Jose Cesar Rocha, que, ao contrário de Alencar, permaneceu até o fim do debate — o primeiro de uma série programada pelo BDMG para inquirir todos os candidatos sobre seus programas de governo. Rocha teve elogios para o ponto prioritário do programa de Brizola, a criança. “Parabéns, a prioridade do Brizola está correta”, disse o empresário, para em seguida comentar que o candidato do PDT falou como um político e não apresentou nenhuma proposta para enfrentar a crise econômica.

Longe de fazer jus à fama de radical, Brizola mostrou-se o mais modérado dos candidatos. “Meu maior adversário é o preconceito. Onde sou conhecido sou bem recebido”, destacou o candidato. Genericamente, falou que pretende retomar o desenvolvimento do país corrigindo seu rumo, depois de uma década de recessão e 29 anos sem eleição presidencial. Disse que a discussão sobre estatização ou privatização “é um falso dilema” e que só devem ser mantidas empresas estatais onde a presença do Estado se justifique. Para Brizola, no entanto, estatização não é sinal de ineficiência. Ele citou os casos da Finlândia e da Alemanha Ocidental.

Elite — Disse que pretende renegociar o pagamento dos juros da dívida e, “como fez Dom Pedro II”, pagar o principal “em 60 anos”. Criticou a elite brasileira, cujos filhos chamou de “herdeiros preguiçosos, yuppies, que não estudam, não trabalham”. Para Brizola, o Brasil precisa combater a inflação, crescer e dividir a renda ao mesmo tempo, mas para isso empresários e trabalhadores terão de trabalhar muito.

Brizola garantiu que, aos 67 anos, não está “apaixonado” por tornar-se presidente; não tem ambição pelo poder, mas acha que “por isso mesmo” será eleito. Com alfinetadas em seus dois maiores oponentes — Lula e Collor — garantiu que não os teme.

“Será que Lula pensa mesmo que pode ser presidente da República a esta altura da sua vida? Quem sabe daqui a 10, 12 anos? Esse outro que está aí (Collor), onde está o país que se deixa impressionar com o visual? E o conteúdo?” — comentou Brizola, certo de que “o povo vai se esclarecer sobre a impostura que é Collor”.